

DA TRAGÉDIA SHAKESPEARIANA BRITÂNICA AO NORDESTE BRASILEIRO: A RECONFIGURAÇÃO DO GROTESCO NAS ILUSTRAÇÕES DE JÔ OLIVEIRA

Autor

COSTA, Giovanni Lucena
Universidade Federal de Pernambuco
giovannicosta.contato@gmail.com

PESSOA, Alberto
Universidade Federal da Paraíba
albertoricardopessoa@gmail.com

Resumo

Nesse artigo iremos construir uma análise visual da obra “A Tragédia do Rei Lear”, uma adaptação do clássico literário de William Shakespeare, de 1606, reescrita em forma de literatura de cordel pelo autor Marco Haurélio e ilustrada pelo artista nordestino Jô Oliveira. A questão norteadora deste artigo é analisar o grotesco, efeito artístico que surge entre a renascença e o maneirismo europeu, e que se encontra presente na identidade gráfica do artista em questão. A metodologia será um estudo de caso da adaptação gráfica do clássico de William Shakespeare, e irá enfatizar os conceitos visuais presente na categoria estética do grotesco; conceitos provenientes da linguagem visual e fundamentos básicos do desenho artístico, além de explorar e introduzir a trajetória artística do artista gráfico Jô Oliveira. Na fundamentação teórica utilizaremos os autores Kayser (1959); Victor Hugo (2014); Ariano Suassuna (2016); Muniz Sodré e Raquel Paiva (2002); Donis A Dondis (2015); Eva Heller (2013) com fins de entender os conceitos acerca do grotesco; da psicologia das cores e da linguagem visual e construir um diálogo com as ilustrações de Jô Oliveira. Também será levado em consideração os estudos de cultura popular e contemporaneidade de ABIB (2015); e mediações culturais de Stuart Hall (2009).

Palavras-chave

Grotesco. Jô Oliveira. Ilustração

Abstract

In this article we will build a visual analysis of the work “The Tragedy of King Lear”, an adaptation of the classic literary by William Shakespeare, from 1606, rewritten in the form of string literature by the author Marco Haurélio and illustrated by the northeastern artist Jô Oliveira. The guiding question of this article is to analyze the grotesque, artistic effect that arises between the Renaissance and European mannerism, and which is present in the graphic identity of the artist in question. The methodology will be a case study of the graphic adaptation of the classic by William Shakespeare, and will emphasize the visual concepts present in the aesthetic category of the grotesque; concepts from visual language and basic foundations of artistic design, in addition to exploring and introducing the artistic trajectory of graphic artist Jô Oliveira. We will use the authors Kayser (1959); Victor Hugo (2014); Ariano Suassuna (2016); Muniz Sodré and Raquel Paiva (2002); Donis A Dondis (2015); Eva

Heller (2013) in order to understand the concepts about the grotesque; color psychology and visual language and build a dialogue with the adaptation illustrated by Jô Oliveira. ABIB (2015) contemporary popular culture studies will also be taken into account; and cultural mediations by Stuart Hall (2009).

Keywords

Grotesque. Jô Oliveira. Illustration

Introdução

A questão norteadora deste artigo é analisar o grotesco, efeito artístico que surge entre a renascença e o maneirismo europeu. O grotesco é representado no processo criativo do artista brasileiro Jô Oliveira, com ênfase nas ilustrações da adaptação em cordel do editor Marco Haurélio, baseado na obra *Rei Lear*, de William Shakespeare.

Jô Oliveira utiliza a transdisciplinaridade da cultura popular, com ênfase na identidade nordestina de maneira intencional e como modo de conhecer e interpretar a imagem artística. Assim, o ensaio se alinha com o pensamento de Stuart Hall acerca de cultura popular e cultura dominante ao afirmar que

(...) são as relações que colocam a 'cultura popular' em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante. Trata-se de uma definição de cultura que se polariza em torno dessa dialética cultural. (2009, p. 241).

As ilustrações contribuem para o texto de Marco Haurélio e seus diálogos em cordel com o texto de Shakespeare, um autor que em um primeiro momento é consumido pela cultura dominante e propicia novas relações de sentido ao leitor por meio desse hibridismo cultural.

O estudo de caso da obra em questão: *Rei Lear em cordel Baseado na obra de William Shakespeare*, é de 2014 e reúne um texto adaptado da obra original de Shakespeare, *A Tragédia do Rei Lear*, de 1606. É um trabalho editado e distribuído como obra recomendada para leitura em sala de aula, sendo contemplada em 2018 pelo programa Minha Biblioteca da Secretaria Municipal de Educação (SME) da Prefeitura de São Paulo.

Ao considerarmos que a cultura é um direito social do qual o Estado, por meio de fomentos à produção cultural, ampliação da fruição dos bens culturais, trabalho

educativo, programas comunitários dentre outros reforça o poder de direito à cultura, uma obra que dialoga entre a literatura de cordel, tanto no discurso verbal quanto não verbal com uma obra de reconhecimento universal como Rei Lear é fundamental que a comunidade acadêmica reflita acerca deste tipo de produto cultural e sua importância dentro da construção do patrimônio cultural imaterial, definido por Jean Duvignaud (2004, p.230) como,

(...) práticas e representações – tanto quanto os saberes e os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que necessariamente lhes são associados – reconhecidas por suas comunidades e seus indivíduos como fazendo parte de seu patrimônio cultural imaterial, e que se conformam aos princípios universalmente aceitos dos direitos do homem, da equidade, da durabilidade e do mútuo respeito entre comunidades culturais.

Assim, no que cabe à área de conhecimento desta pesquisa, que são as Artes Visuais, iremos nos ater ao trabalho gráfico de Jô Oliveira, com ênfase no efeito do grotesco em seu trabalho que remete o grafismo da xilogravura, técnica que consiste no uso de uma matriz, geralmente uma madeira e grava-se incisões na madeira com goivas ou objetos de corte, das quais irão marcar as áreas positivas (ou em branco) e as áreas que não sofreram cortes marcam as áreas negativas (ou em preto). A matriz é entintada com tinta de gráfica, geralmente usada em gráficas tipográficas e a impressão é feita de forma artesanal, colocando o papel sobre a matriz e pressionando as suas áreas seja com prensa ou ainda de forma mais rústica, com colher de pau ou outro objeto que seja capaz de exercer pressão na folha sobre a matriz. As ilustrações são utilizadas apenas na capa e com uma cor apenas, geralmente preta.

Iremos analisar como traço do artista Jô Oliveira constrói conexões com a poética visual do grotesco. O escopo teórico será oriundo dos autores: Kayser (1959); Victor Hugo (2014); Ariano Suassuna (2016); Donis A Dondis (2015); Eva Heller (2013) com fins de entender os conceitos acerca do grotesco como categoria estética; da psicologia das cores e da linguagem visual.

Da Ilha de Itamaracá ao Coliseu Romano: A trajetória artística de Jô Oliveira

Jô Oliveira teve sua formação enquanto artista gráfico iniciada no curso de Artes Gráficas na Universidade Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, se desenvolveu no curso de desenho animado na Hungria, Budapeste, no Stúdió

Pannónia e foi lapidada na Academia Húngara de Artes Aplicadas (Magyar Iparművészeti Főiskola, hoje conhecida como Universidade Moholy-Nagy de Arte e Design), onde concluiu o curso de Artes Gráficas.

A formação globalizada de Jô Oliveira amadurece no momento em que o autor começa a agregar e revitalizar elementos de manifestações locais de espaço do qual o mesmo vive, criando uma contradição e ao mesmo tempo uma personalidade gráfica de hibridismo cultural, contemporâneo ao pensamento de Pedro Rodolpho Jungers Abib (2015, p.104)

Contraditoriamente ao processo de homogeneização cultural levado a cabo na sociedade globalizada, percebemos a revitalização de uma gama de manifestações tradicionais locais, tais como a Capoeira, o Maracatu, os Reisados, as Marujadas e Cheganças, os Blocos Afro, o Bumba-meu-boi, a Congada e o Moçambique, o Frevo e a Ciranda, o Samba de Viola e o Samba de Umbigada, a Catira, o Tambor de Crioula e o Tambor de Mina, a Dança do Lelê, o Choro, o Cômico e a Embolada, a Burrinha, o Cacuriá, a Dança de São Gonçalo, os Blocos de Marcha-Rancho, o Boi-de-Mamão, o Samba-Chula e o Jongo (...).

Nas ilustrações de Jô Oliveira, podemos observar o preto & branco como estilo predominante e que acentua a dramaticidade em sua narrativa, uma vez que suas estruturas gráficas são sintéticas e de assimilação universal ou como Donis A. Dondis (2015, p.18) denomina Alfabetismo Visual.

A sintaxe visual existe. Há linhas gerais para a criação de composições. Há elementos básicos que podem ser aprendidos e compreendidos por todos os estudiosos dos meios de comunicação visual, sejam eles artistas ou não, e que podem ser usados, em conjunto com técnicas manipulativas, para a criação de mensagens visuais claras. O conhecimento de todos esses fatores pode levar a uma melhor compreensão das mensagens visuais.

Na arte de Jô Oliveira também assimilamos um sistema de símbolos (input visual), o material visual representacional, e a estrutura abstrata. Conceitos que Dondis (2015, p.20) chama de *“dados visuais e os seus três níveis”*.

Quanto mais simples a fórmula, mais restrito será o potencial de variação e expressão criativas. Longe de ser negativa, a funcionalidade da inteligência visual em três níveis — realista, abstrato e simbólico — tem a nos oferecer uma interação harmoniosa, por mais sincrética que possa ser.

Na produção artística de Jô Oliveira nos deparamos com características visuais que permeiam entre o trágico e o cômico. Seus desenhos possuem nuances contrastantes, eloquentes e harmoniosas, que produzem o efeito do grotesco.

O grotesco

O grotesco é o principal reflexo da personalidade gráfica de Jô Oliveira. É um traço do qual o leitor consegue identificar que se trata de um trabalho do artista, diferente de outros artistas que muitas vezes optam por um trabalho mais padronizado em detrimento de uma maior aceitação de mercado. A personalidade gráfica de Jô Oliveira acaba por colocá-lo em consonância com discursos relacionados com a cultura popular e permite ao autor que o mesmo possa desenvolver uma série de signos ideológicos que transcende aspectos técnicos ou gráficos, mas sim de sentido. Segundo Valentin Volóchinov (2017, p.93)

O signo não é somente parte de uma realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom, etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia.

Assim, as ilustrações de Jô Oliveira apresentam ao leitor brasileiro, principalmente o nordestino um discurso de proximidade, de afeto, de identidade, mesmo se tratando de uma adaptação de uma obra da literatura universal. E o grotesco como efeito gráfico complementa a intencionalidade do autor em seu discurso. O grotesco para Kayser (1959) é um estilo calcado na comédia e na tragédia, no horror e no riso. Na arte e na pintura, Kayser identifica o grotesco na obra de Hieronymus Bosch (Aint Jérôme en prière, 1474); Brueghel (Gret, a Louca, 1563); Goya (Los Caprichos, 1799), dentre outros.

Na palavra *grotesco*, como designação de uma determinada arte ornamental, estimulada pela antiguidade, havia para a renascença não apenas algo lúdico e alegre, leve e fantasioso, mas, concomitantemente, algo angustiante e sinistro em face de um mundo em que as ordenações de nossa realidade estavam suspensas, ou seja: a clara separação entre os domínios dos utensílios, das plantas, dos animais e dos homens, bem como da estática, da simetria, da ordem natural das grandezas. (KAYSER, Wolfgang, p.20, 1960)

O grotesco possui elementos alegres, fantasiosos, cômicos e trágicos. O grotesco se tratava inicialmente uma palavra para designar, como diz Kayser (1960) as antigas ornamentais em Roma no palácio de Tito. As ornamentais tratava-se de figuras estranhas com aspectos animais e bestiais.

Fig.01 Fonte: (HAURÉLIO, 2014, p.44)



Jô Oliveira em *Rei Lear* em Cordel realiza uma ilustração que remete a efeitos próprios do grotesco descrito por Kayser (1960), como a representação gráfica de Goneril e Regane como duas serpentes com feições humanas e ao fundo caveiras. O traço calcado nas artes da xilogravura, cartoon e até mesmo em artistas *naifs*, aliado a um esmero técnico e expressivo propicia ao artista uma personalidade gráfica que subverte o belo enquanto padrão da qual a sociedade ocidental está habituada e apresenta uma arte que representa no traço, nas cores e em suas composições a cultura popular nordestina, mesmo que não seja a premissa inicial em *Rei Lear*, que consiste na apresentação de ilustrações acerca da história ambientada na Europa.

Segundo Sodré e Paiva, alguns elementos marcam o efeito gráfico do grotesco,

Um sistema coerente de exigências para que uma obra alcance um determinado gênero (patético/ trágico/ dramático, cômico/ grotesco/ satírico) no interior da dinâmica da produção artística. A categoria responde tanto pela produção e estrutura da obra quanto pela ambiência afetiva do espectador, no qual se desenvolve o gosto, na acepção da faculdade de julgar ou apreciar objetos, aparências e comportamentos. (SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. p. 32, 2002).

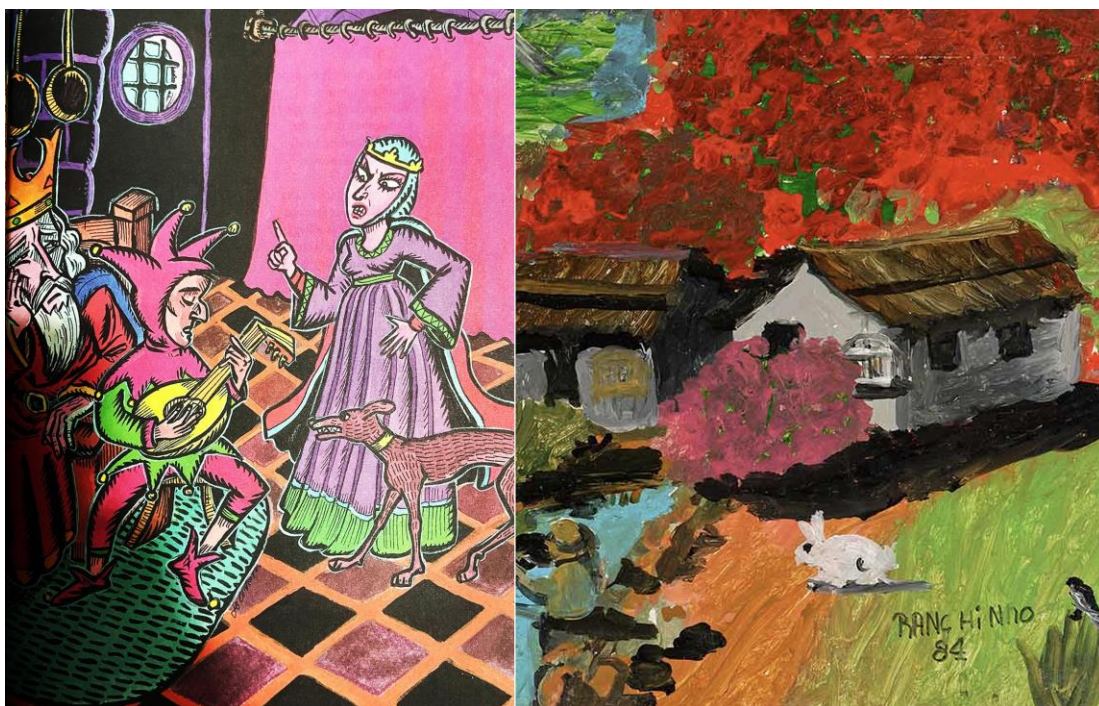
Sodré e Paiva constataam que o riso (cômico) e o horror (trágico) são elementos definitivos para a categoria estética do grotesco. Para Sodré e Paiva existem gêneros: o grotesco representado: *“Trata-se das cenas ou situações pertinentes aos diferentes tipos de comunicação indireta”* (SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel, p.62, 2002) e o grotesco atuado: *“Trata-se de situações de comunicação direta, vividas na existência comum dos palcos, interpretadas como grotesco, de natureza”*. (SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel, p.62, 2002).

Ariano Suassuna (2016, p.107), categoriza a beleza de acordo com o pensamento de Aristóteles, sendo elas:

(...) O Gracioso; O Belo; O Sublime e o Trágico. As outras quatro, são ligadas à desarmonia, são tipos de Beleza criados a partir daquilo que na Natureza é feio e pertence ao campo da desordem; são elas: O Risível, A Beleza do Feio; A Beleza do Horrível e o Cômico.

Entendemos que Jô Oliveira trabalha de forma intencional com a desordem em suas ilustrações, remetendo a estética *naïf* ou ingênua, isto é, Jô Oliveira comete equívocos técnicos no que se refere à perspectiva, anatomia e composição em nome de reforçar o discurso e os signos por meio da desarmonia, como podemos ver na ilustração abaixo de Jô Oliveira da qual os personagens estão desproporcionais uns aos outros e a aplicação da perspectiva está equivocada se analisarmos do ponto de vista do apuro técnico. Ao mesmo tempo, quando aproximamos a obra do artista com um artista notadamente Naïf como Ranchinho de Assis (1923 - 2003) reiteramos a questão da intencionalidade do artista em apresentar por meio de sua personalidade gráfica um sistema de signos ideológicos.

Fig.02 e 03. Fontes (HAURÉLIO, 2014, p.21, Bolsa de Arte, 2020)



A beleza que nasce a partir do feio e do horrível é vista por Ariano Suassuna (2016, p.113) como uma forma ligada à desordem. Enquanto o gracioso, à harmonia.

Como acontece com o Trágico, as formas de beleza que são ligadas ao Risível podem ser realizadas através de uma ação, caso em que obteremos o cômico. Assim, podemos dizer que, se encarnarmos o Belo e o Sublime numa ação humana, teremos o trágico, despertando sensações de prazer misturado ao terror e à piedade; e se encarnarmos o Risível e o Feio numa ação também humana, teremos o Cômico.

Suassuna (2016, p.2016) reflete acerca elementos constituintes do efeito do grotesco como o risível (ou ridículo) como “...uma beleza criada a partir daquilo que, no mundo e no homem, existe de desarmonioso” (SUASSUNA, Ariano, p.10, 2016) e desarmonia, como característica contrária aos estudos do belo clássico, tanto em termos de artes plásticas, arquitetura ou design. Ainda que a desarmonia possa ser vista e até contemplada em obras diversas do renascimento, romantismo; expressionismo; surrealismo etc.

A Tragédia do Rei Lear: análise visual

Aqui, temos uma releitura de uma obra da renascença, vulgo autor, Willian Shakespeare, construiu o conceito com base em características do trágico e do cômico. Uma das obras expoentes do estilo grotesco, ao menos é o que o autor Victor

Hugo relata em seu prefácio de Cromwell: “*Shakespeare, é o drama; e o drama, que funde sob o mesmo alento o grotesco e o sublime, o terrível e o bufo, a tragédia e a comédia, o drama é o caráter próprio da terceira época da poesia, da literatura mundial.*” (HUGO, Victor, p. 48, 2014)

O Rei Lear é uma peça de Willian Shakespeare de 1606, que narra a história do Rei Lear, que é traído por uma de suas filhas e, conseqüentemente, enlouquece. Considerado um verdadeiro clássico da Literatura britânica, a obra ganhou diversas releituras ao longo do século XX no cinema, na TV, dentre outras linguagens.



Imagem 1. O Rei Lear em Cordel. Baseado da Obra de Willian Shakespeare

O traço de Jô Oliveira na obra é solto, pincelado de forma despojada, que nos dá a sensação de movimento. Dessa vez podemos assimilar o uso das paletas de cores saturadas, sob valorização dos contornos e uso de hachuras, técnicas bastante utilizadas em xilogravuras.

Jô Oliveira não se limita ao estudo de anatomia aplicada na figura humana para construir seus desenhos gestuais. A composição das cenas valoriza dramaticidade e expressividade dos personagens. A estética grotesca é uma das principais características das ilustrações. Propiciado pela sua personalidade gráfica, observamos que a desarmonia entre os elementos fundamentais do desenho artística ajuda a construir esse efeito mais cômico e risível.

O uso de silhuetas e contornos para composição estrutural das cenas que foram construídas ajudam a estabelecer a essência da produção artística de Jô Oliveira: a expressividade e a síntese na comunicação com o leitor.

No que se diz respeito às cores, nos padrões policromáticos, Jô Oliveira busca criar ênfase nos personagens, enquanto nos monocromáticos, o efeito do grotesco se acentua e apresentam signos relacionados ao medo, raiva, tristeza, alegria e desespero.

Nos cenários fechados, temos interações de cores quentes primárias como vermelho e amarelo, secundárias como laranja e terciárias, com o amarelo predominante como o marrom.

Já nos planos abertos, temos as cores frias construindo ambiência e predominância, são elas: tonalidades de azul.

A cor azul é retratado no storytelling como ponto de partida para cenas mais drásticas. Segundo a pesquisadora Eva Heller, o azul é “*a cor das virtudes intelectuais masculinas*” (HELLER, Eva, p.32, 2013), além de ser a cor da realiza: “*o azul luminoso era, desde o século XIII, a cor do manto de coroação dos reis franceses*” (HELLER, Eva, p. 42, 2013).

O vermelho, a outra cor que é predominante na reimaginação de Jô Oliveira, “*é a cor do fogo*” (HELLER, Eva, p. 54, 2013), além de ser, segundo a autora, a cor da audácia, da vaidade e da agressividade. Cor que na reimaginação de Jô Oliveira, entrega composições pautadas no riso e na agressão.

O uso dos conceitos de luz e sombra nas ilustrações de Jô Oliveira acentuam o storytelling da obra, uma vez que esses estudos não se encontram presentes com o único objetivo de construir cenas realistas, e sim de contribuir narrativamente.

As características do cômico e trágico se encontram presentes em meio a narrativa trágica e cômica da obra original. A perturbadora história de ódio e desespero do Rei Lear em meio a situações cômicas constróem extravagância, e sensações de humor negro que o leitor da obra original cria experiência.

É interessante observar como o artista manipula os conceitos fundamentais do desenho artístico para entregar um resultado acessível até para o público infantil e infanto-juvenil. Em termos de linguagem visual, um dos pontos mais nítidos na obra é o uso excessivo de contrastes e harmonias.

Todos os outros elementos do alfabetismo visual se encontram presentes: pontos, tracejados, tonalidades, formas, movimentos etc. No entanto, o contraste,

juntamente com a harmonia, formam a polaridade necessária para uma história trágica e cômica ao mesmo tempo. Pesada e leve. Segundo Dondis A. Donis:

Tudo e qualquer significado existe no contexto dessas polaridades. Seria possível entender o calor sem o frio, o alto sem o baixo, o doce sem o amargo? O contraste de substâncias e receptividade dos sentidos a esse momento a esse mesmo contraste dramatiza o significado através de formulações opostas. (Donis A. p.107, 2003)

Essa polaridade entre harmonia e contraste pode ser observada no uso das formas geométricas predominantes no desenho de Jô Oliveira. As formas circulares, que por sua vez, segundo a Donis A. Dondis, constróem representações de harmonia, enquanto o as formas pontiagudas que são variações do triângulo, constroem tensão. Se observamos esse conceito de contraste e harmonia, com cores quentes e frias, e adaptarmos à identidade gráfica de Jô Oliveira, reparamos que existe uma intencionalidade em construir sentimentos cômicos e trágicos para o leitor.

A manipulação dos fundamentos básicos do desenho artístico, que desde o início da arte moderna vem sendo quebrado, moldado, lapidado, adaptado por artistas expressionistas, impressionistas, surrealistas, cubistas, dadaístas, dentre outros, além dos artistas contemporâneos, propiciam que eles construam efeitos de *gestalt* em suas obras. As formas geométricas predominantes representam conceitos da linguagem visual. Jô Oliveira acentua esses conceitos por meio da sua observação acerca da cultura popular nordestina, e traz consigo um arsenal de referências literárias e gráficas, com fins de construir identidade para o público nordestino com uma história clássica global.

Considerações finais

A arte de Jô Oliveira é permeada do efeito grotesco e que encontra inspiração na cultura popular nordestina em seus costumes, artesanato, humor, folclore, cordel entre outras manifestações que traga para o leitor a identidade do brasileiro.

A reconfiguração de obras literárias como uma ação de construção de um patrimônio imaterial é um importante meio de política pública de aproximar e estimular novos leitores para a introdução na literatura universal e mais que isso, conhecer possibilidades de narrativas e discursos renovados, que encontram afeto e ressonância com a sociedade contemporânea. Ao apresentar uma obra em Cordel,

com ilustrações baseadas na xilogravura e que remete uma obra universal e de senso comum de difícil acesso ao público mediano, há um movimento cultural híbrido que reforça o conceito de cultura como direito e não como excessão.

Oliveira, um artista de construção de signos ideológicos não se limita aos estudos de desenho artístico realista, se preocupou mais em enriquecer a narrativa poética adaptada por Marco Haurélio com elementos simbólicos encontrados tanto no folclore brasileiro, em termos estéticos, quanto em cartoons e xilogravuras, em termos técnicos.

O seu traço despojado, pincelado, descompromissado com os estudos precisos de anatomia humana e perspectiva constrói, através da união entre a harmonia e o contraste, todas as sensações que a narrativa trágica de Shakespeare necessita: tragédia e humor.

Ao longo do artigo, considerados os estudos de Ariano Suassuna à respeito de estética, além de Wolfgang Kayser, Victor Hugo e Muniz Sodré e Raquel Paiva, que construíram diálogos com os estudos de grotesco em amplas perspectivas midiáticas, regionais e artísticas, cujo objetivo em comum entre esses autores é explorar o potencial do grotesco como categoria estética, que é onde a arte de Jô Oliveira pode se encaixar.

Jô Oliveira une os conceitos da literatura de cordel; do cartoon; dos quadrinhos; da xilogravura, para entregar um resultado coeso e coerente com o tom construído de Shakespeare frente uma história que pode se tornar acessível para um novo público, infantil e infanto juvenil.

Referências

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Cultura popular e contemporaneidade. Artigo publicado In: Patrimônio e Memória. São Paulo, Unesp, v. 11, n. 2, p. 102-122, julho-dezembro, 2015

DONDIS, A. Donis. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Martins Fontes - Selo Martins; 3ª edição, 2015.

DUVIGNAUD, Jean. et al. Le Patrimoine culturel immatériel: les enjeux, les problematiques, les pratiques. Paris: Babel, Maison des cultures du monde. (Internationale de imaginaire, 17, nouvelle série), 2004.

HAURÉLIO, Marco. O Rei Lear em Cordel. São Paulo: Amarilys, 2014

HUGO, Victor. Do Grotesco e do Sublime - Tradução do prefácio de Cromwell. São Paulo: Perspectiva, 2014.

KAYSER, Wolfgang. *O Grotesco*. Configuração na pintura e na literatura. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HELLER, Eva. *A Psicologia das Cores*. São Paulo; Editora Gustavo Gili, 2013

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Humanitas, 2009.

SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. 14^o edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. *O Império do Grotesco*. Editora Mauad, 2002.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2018